

**LUTA
CONTRA
A
FOME**

1. Depois da Libertação, o primeiro problema que o novo governo teve de enfrentar foi o secular problema da fome e do frio que dizimavam milhões de criaturas anualmente. Havia necessidade de produzir alimentos, roupas e combustíveis em grande quantidade. Isso obrigou o governo a cuidar, primeiramente, da produção agrícola, o que se fez no período de 1949 a 1951, para depois lançar o Primeiro Plano Quinquenal (1953/1957), abrangendo a industrialização, a modernização da agricultura, a formação de técnicos, a ampliação da rede de transportes, enfim, todos os ramos das finanças e da economia chinesas. Em 1958, iniciou-se a política do “grande salto para a frente”.

Foi gigantesco o trabalho realizado. Mas a sequência das reformas e dos planos – e aí está uma característica fundamental do regime socialista chinês – não foi resultante de meras formulações teóricas, e sim uma imposição dos fatos e da experiência.

2. A marcha, por exemplo, da reforma agrária de 1949 a 1959 foi lógica e necessária nas suas transformações. Em 1949, desapropriaram-se as terras dos latifundiários que as arrendavam sem nelas trabalharem. Tais terras foram imediatamente doadas aos camponeses que as cultivavam, respeitando-se a propriedade daqueles que, pessoalmente, trabalhavam as suas glebas. A terra se tornou, assim, propriedade dos que a regavam com o suor do próprio rosto.

Mas se verificou que o trabalho individual não resolvia uma série de problemas que impediam o aumento rápido da produção. E daí surgiram os “grupos de ajuda mútua”, uma espécie de mutirão do interior do Brasil. Os camponeses se reuniam para ajudarem uns aos outros nas tarefas principais. O grupo de ajuda mútua foi uma simples transição para a cooperativa simples. Nesta, a propriedade continuava privada, como em qualquer cooperativa de produção que se conhece nos países capitalistas.

Entretanto, com o objetivo de produzir mais, a cooperativa simples se transformou em cooperativa de nível superior (1951/1957), na qual as terras passaram a pertencer à cooperativa, instituindo-se, assim, a propriedade coletiva que a Constituição chinesa (1954), em seu art. 5º, reconhece e, no art. 7º, encoraja, orienta e ajuda. As cooperativas foram, na verdade, apoiadas financeira e tecnicamente pelos poderes públicos. Visitei várias delas em 1956 e 1957 e pude ver os seus resultados, a meu ver excelentes.

Em 1957, cerca de 98% dos produtores agrícolas pertenciam às cooperativas. Para elas haviam entrado doando-lhes as terras voluntariamente. Poderiam ficar na

situação de produtores individuais, como muitos continuam até hoje, uma vez que a Constituição da República (arts. 5º e 8º) garante a propriedade dos trabalhadores individuais e, mais especificamente, declara que o Estado “protege o direito dos camponeses à propriedade da terra e dos outros meios de produção”. Diz mais o art. 8º da Constituição que o Estado “guia e ajuda os camponeses individuais para que eles aumentem a produção e os encoraja a organizar cooperativas de produção, de aprovisionamento e de venda, de crédito, segundo o princípio do livre consentimento”.

Em 1957, ao fim do Primeiro Plano Quinquenal, as cooperativas já haviam alcançado o máximo de produtividade. Aí surgiu a necessidade de agrupá-las em organizações maiores, a fim de disporem de meios mais vultosos e adequados para o aumento da produção. Apareceram assim (1958) as famosas comunas populares. Nestas, a propriedade tende a passar de coletiva para a propriedade de todo o povo. Por enquanto, as terras pertencem aos grupos ou brigadas de produção, em que se transformaram as cooperativas de nível superior ao constituírem a comuna popular. Em meados de 1958, 740 mil cooperativas haviam formado 26 mil comunas populares.

Desde a propriedade individual (1949) até a comuna popular, o caminho foi longo, mas percorrido com calma e pacificamente. Nenhum camponês foi obrigado a fazê-lo, tanto que ainda há proprietários individuais até agora.

3. Para termos uma ideia do crescimento da produção agrícola, com o objetivo de nutrir e vestir o povo, comparemos

o aumento da cultura do algodão na China com o dos países que mais a desenvolveram no decênio 1949/1959.

No México, o aumento foi de 10,4% por ano; Índia, 6,73%; Turquia, 6,27%; Paquistão, 6,27%; Egito, 1,47% e Brasil, 0,2%. Nos Estados Unidos, houve um decréscimo de 28,1%. A produção chinesa foi a que mais aumentou: 18,9%, ou seja, quase o dobro do que mais produziu proporcionalmente. Em números absolutos, a China passou de 8,89 milhões de dan¹ em 1949 para 42 milhões de dan em 1958. Em 1959, alcançou 48,2 milhões de dan.

No aumento da produção, não é muito importante o volume, que pode ser até pequeno em relação aos maiores produtores de determinado artigo. O que é surpreendente é o ritmo do seu crescimento. Por exemplo, somente na província de Guangdong (Kwangtung – Cantão), produziu-se cacau, em 1959, sessenta vezes mais do que em 1949².

4. O desenvolvimento da produção agrícola não somente deu mais alimentos ao povo, mas sobretudo melhorou o seu nível de vida, vale dizer, elevou o seu poder aquisitivo, o que promoveu, por sua vez, o desenvolvimento industrial.

O volume de vendas de mercadorias (comodidades) nas áreas rurais passou de 15.900.599.000 yuans em 1952 para 29.900.540.000 yuans em 1958 – o que significa um crescimento de 88%*. Em 1959, atingiu a 63.800.000.000**.

A esse respeito, vale a pena conhecer o depoimento do bispo católico romano, S. Exa. Revma. D. Luís Li (Li Po-yu), da Diocese de Zhouzhi (Chu Chih), na província de Shaanxi (Shensi). Trata-se de um bispo cuja família, segundo o seu

próprio depoimento, é católica romana há trezentos anos. Diz S. Exa. Revma.:

“O padrão de vida de nosso povo tem melhorado mui perceptivelmente. Muitas pessoas, como tenho já dito, são camponesas. Sua vida, no passado, era amargamente dura. A reforma agrária – completada em 1951 – as dotou com terras próprias e, desde então, o movimento cooperativo tem conquistado rapidamente a zona rural, trazendo com ele as melhorias consequentes. Tomo, por exemplo, as quarenta famílias católicas que viviam próximo do nosso seminário, nos arredores da cidade de Pu Chi. Com exceção de duas ou três famílias, todas elas sofriam de uma crônica escassez de alimentos no passado. Hoje, como lavradores coletivos, elas comem bem, usam boas roupas, podem mandar seus filhos à escola e até acumulam economias.”³

É precisamente com essas economias que os lavradores da terra puderam comprar mais mercadorias, isto é, aqueles bens fabricados pela indústria de transformação. Conversando com vários agricultores em diversas regiões da China, pude saber que, antes de 1949, eles somente podiam comprar uma roupa de quatro em quatro anos. Agora, cada pessoa que trabalha no campo pode adquirir duas por ano, sendo uma para o verão e outra para o inverno.

5. Vou abrir um parêntese aqui, a fim de pedir a atenção do leitor para um pormenor importante: quando se diz na China que o consumo foi aumentado, per capita, de uma unidade, não se deve esquecer de que se trata de 650 milhões de pessoas. Isso é uma enormidade. Basta dizer que houve

uma crise na produção de ovos de um ano para outro. É que, em virtude da propaganda dos nutrólogos, os chineses começaram a dar um ovo para seus filhos e a comer também um ovo pela manhã, diariamente. Logo o consumo subiu de mais de 650 milhões de ovos, isto é, de 54.166.666 dúzias de ovos por dia. Esse consumo exigiu um aumento incrível na criação de galinhas. Admitindo-se que uma delas bote 300 ovos por ano, seriam precisas mais 513.650.000 galinhas para atenderem ao acréscimo do consumo. Em 1959, ainda perdurava a crise de ovos⁴.

Isso é pitoresco, mas é a China. Aconteceu um caso semelhante com a lechia, aquela fruta saborosa a que já me referi no primeiro capítulo. De um relatório que me fez, por escrito, o sr. Yang Lung-kwei, diretor do *Research Bureau of the State Planning Commission*, extraio as seguintes informações:

“O primeiro-ministro Zhou Enlai (Chu En-lai) disse: por um pequeno período, na primavera deste ano, o trigo teve o seu suprimento diminuído em áreas menores que 5% da área total do país. Isso se deveu às calamidades naturais ocorridas no último ano; houve falta de um orçamento apropriado; a produção do trigo foi colhida de maneira apressada; houve um erro de planejamento do consumo, de modo que um pouco mais foi consumido. Por exemplo, no município de Panyu, da província de Guangdong (Kwangtung – Cantão), a lechia é produzida em larga quantidade e, todos os anos, é embarcada para suprir as grandes cidades. Este ano, a produção de lechia cresceu três vezes, mas foi comprada pelos membros das próprias comunas; e o suprimento das cidades foi diminuído, a despeito do aumento da produção.

É que o padrão de vida dos camponeses tem crescido; e a enorme população da China exige um gigantesco poder de trabalho.”

6. A fome foi liquidada na China. Isso exigiu um gigantesco poder de trabalho, como diz o sr. Yang Lung-kwei. Cada chinês tem hoje, para comer, 2,6 vezes mais do que antes da Libertação. É natural que adira ao regime que lhe dá mais comida, mais roupa, mais habitação, mais aquecimento no inverno, mais escolas para os filhos e, sobretudo, mais dignidade como criatura humana.

Notas do autor:

1. Os dados foram fornecidos pelo sr. Yang Lung-kwei, diretor do Research Bureau of the State Planning Commission. O dan vale 50 kg.
2. Informações colhidas na Exposição Agrícola de Cantão em 1959.
3. Artigo publicado por China Reconstructs, julho de 1957.
4. Os dados de 1959 foram extraídos do Comunicado oficial que se publicou a 22 de janeiro de 1960.

* Dados fornecidos pelo diretor do Research Bureau of State Planning Commission.

** Os dados de 1959 foram extraídos do Comunicado oficial de 22 de janeiro de 1960.

